

Resenha do livro RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Vestígios da Educação Feminina no Século XVIII em Portugal**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

Resenhada por: Sonia Antonovicz Vicentin¹ e Carlos Herold Junior².

Ao realizarmos pesquisas sobre a história da educação feminina em Guarapuava no período de 1930 e 1960, encontramos a obra *Vestígios da educação feminina no século XVIII em Portugal*. Em meio a grande quantidade de estudos que versam sobre a história da mulheres e de sua educação, enfatizamos a relevância temática e metodológica da obra em questão.

Ela foi fruto de uma tese de livre docência defendida no ano de 2000, ponto de chegada de uma trajetória de pesquisas iniciadas em 1986, conforme nos relata tanto a autora na apresentação da obra, assim como Rogério Fernandes, ilustre redator do prefácio.

Arilda Inês Miranda Ribeiro é professora do Departamento de Educação (UNESP- Presidente Prudente-São Paulo) dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da referida universidade, sendo Livre-Docente na área de História da Educação e Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico Brasileiro.

A obra vem nos mostrar a trajetória das mulheres que viveram durante o contexto de grande influência do iluminismo em Portugal. O questionamento que as reflexões levantam é saber o impacto da ideia de importância da educação universal e, nesse ínterim, estudar quais foram as mudanças ocasionadas na vida cotidiana das mulheres da época. Ribeiro utiliza o discurso de autores como Verney, Ribeiro Sanches e Cavaleiro de Oliveira, que escreveram sobre a educação feminina.

Para organizar sua obra dividiu-a em quatro capítulos. No capítulo I, *A necessidade de se reescrever a história*, Ribeiro relata a história de educação feminina em Portugal, durante o período Iluminista, um século onde tem por significado as luzes, o pensamento e a atitude da liberdade humana, observando os limites dessas concepções em relação às mulheres. Tanto na educação como no seu cotidiano a realidade foi muito diferente do que propunha o Iluminismo. Por conta disso defende a necessidade de se reescrever a história deve-se ao fato de que a narração dos documentos históricos, é apenas relato dos grandes feitos masculinos ficando a mulher restrita as mudanças e acontecimentos.

No capítulo II, *Vestígios da educação da mulher em Portugal no século XVIII*, é observada a precariedade dessa educação, pois não havia um regulamento que fornecesse diretrizes a serem seguidas, ficando a formação das mulheres no âmbito privado. Além disso é avaliado que a reforma pombalina não garantiu a elas o direito a escola. Por outro lado, alguns avanços, começam a surgir no contexto português. Em 1790 se elaborou um documento o qual dava direito às mulheres estudarem, onde seriam contratadas 18 mestras para educar as mulheres. Foi apenas em 1816, que as mestras começaram a ensinar, com um salário desigual aos salários masculinos.

Esses avanços são concebidos como resultados da ação e da reflexão vinda dos setecentos e sistematizadas pelas obras de Luís António Verney, Ribeiro Sanches e o Cavaleiro de Oliveira, nas quais são observadas e analisadas as ideias de como deveria se educar as mulheres. O método de Verney era apenas para as mães, as esposas e freiras. As mulheres estudariam em casa já os meninos iriam a escola sendo assim a formação dos

meninos seria melhor do que das mulheres. Devemos evidenciar que Verney era a favor da educação feminina por que elas beneficiariam os homens, ele acreditava que se ela estudasse saberia entender melhor o homem. Ribeiro Sanches defendia a educação apenas as mulheres nobres e achava que se todas tivessem esse acesso poderiam se tornar um risco para as autoridades que estavam no poder. Em seu método Ribeiro Sanches tem um pensamento parecido com Verney em alguns aspectos. Sanches achava que as mulheres deveriam ser educadas em escolas e não em casa ele condenava também os ensinamentos em conventos. Cavaleiro de Oliveira achava que a inteligência da mulher era um tanto quanto desnecessária, ela deveria ser apenas amável, doce, leal, fiel ao homem. As mulheres eram feitas para o amor e não para os estudos e sabedoria.

No capítulo III, *Vozes dissonantes e consoantes à do Marquês de Pombal*, é estudado o fato de ter havido em Portugal, no período em que estava sob influência de Pombal, mulheres que pensaram e agiram contra o que a autora chama de “discurso normativo”, bem como aquelas que representavam e defendiam os papéis tradicionais. Para dar conta dessa análise Ribeiro, descreve e analisa o perfil de algumas mulheres que se destacaram ou pela luta ou pela adesão aos esforços de conformação feminina.

No capítulo IV, *Os viajantes em Portugal no século XVIII: rastros femininos no cotidiano*, Pombal e as mulheres portuguesas foram vistos pelos olhares de não portugueses que em viagem, registraram suas impressões. Ao salientar a forma como esses relatos foram alvos de grande vigilância, a autora enfatiza as “contradições” do despotismo esclarecido e da forma como Pombal representou transformou os ideais iluministas. Entretanto, o alvo do capítulo são os comportamentos cotidianos dos portugueses e das portuguesas. Nesse alvo observamos ponderações sobre a fidelidade conjugal, sobre a maneira feminina de se portarem em público e, também, observações que dão conta sobre a diferença de comportamentos entre as mulheres da nobreza e das que não tinham posses. Resguardadas as dessemelhanças entre os perfis femininos analisados, Ribeiro conclui: “A representação social sobre a mulher inclui variadas impressões, cada uma traçando momentos femininos singulares, muitas vezes generalizados. De uma maneira geral, os viajantes retrataram a mulher portuguesa de um jeito leve, avesso a críticas” (p.147).

As conclusões da autora primam em observar a forma como o Iluminismo fora utilizado em Portugal apenas para modernização política e econômica, tendo menores influências em aspectos da sociabilidade humana que diziam respeito às mulheres e à sua educação. Se de um lado mesmo os intelectuais “estrangeirados” deixavam clara a necessidade da submissão feminina aos maridos, é certo, também, observar que as transformações começavam se manifestar: “Muitas desobedeceram às regras impostas. A responsabilidade pela abertura em Portugal, dos papéis femininos, deu-se pela audácia de algumas mulheres”. (p.154) Essa manifestação, porém, não tocou as questões diretamente educacionais. Afinal, as primeiras instituições educacionais femininas começaram a existir, apenas no século XIX, fazendo a autora afirmar que no contexto do século XVIII português: “É no espaço social, portanto, que essa sociedade modifica-se, não nas luzes da educação”(p.155).

Finalizada a obra as impressões são positivas. Para bem expressá-las, é necessário um retorno ao seu início, no prefácio, em que Rogério Fernandes, com precisão, avalia:

[...] não é somente o conjunto de problemas abordados que nos apaixona. Igualmente nos seduz a leveza da escrita, que abandonou os cânones do academismo, para se lançar, desenvolta, num processo de documentação em que o conceptual e o vivencial se vinculam no biográfico sem que, todavia, a temática fundamental seja afastada ou tergiversada. (p.17)

O título da obra, **Vestígios...** demonstra uma modéstia na determinação do escopo do texto que, além de ser sempre bem vinda, causa uma agradável sensação de recebermos mais do que esperávamos à medida que a leitura avança: muito mais que vestígios, temos um grande painel sobre as contradições do “esclarecimento” no que tange à mulher e suas amarras com o contexto histórico português. Por conta dessa e das outras observações, endossamos a valia dessa obra para pesquisadores e pesquisadores com interesse nos diferentes caminhos trilhados pela educação feminina no mundo moderno e contemporâneo.

¹Graduada em Pedagogia pela Unicentro, Guarapuava-PR.

²Doutor em Educação pela UFPR e professor adjunto do Departamento de Pedagogia da Unicentro, Guarapuava-PR